



1.9 • Conjuntura internacional

O MAPA-MUNDO DO PAPA FRANCISCO COLOCA AS PERIFERIAS NO CENTRO

Antônio Marujo

A HISTÓRIA É CONHECIDA: perante um diplomata francês que, um dia, pedia a Estaline para moderar as suas perseguições aos cristãos russos, argumentando que isso melhoraria a sua imagem junto do Vaticano, o ditador soviético terá perguntado: “Quantas divisões tem o Papa?”. Estaline conhecia a resposta, mas não fez as perguntas todas. E algumas das que faltaram foram: o que pode um Papa realmente? Porque não têm os papas deixado de intervir no plano internacional? E que resultados obtêm os papas com as iniciativas, gestos e posições que tomam sobre política internacional?

Desde que foi eleito, em diversas ocasiões, o Papa Francisco tem-se referido a uma “guerra mundial aos bocados” que, em sua opinião, caracteriza a realidade planetária. Um relance pelos conflitos mais graves parece dar-lhe razão: as tragédias da Síria e do Iémen, a guerra esquecida de Israel-Palestina, Iraque, Paquistão, Afeganistão, Coreias (mais pacificadas?), Líbia, Sudão e Sudão do Sul, Etiópia, Somália, Grandes Lagos, Nigéria, são apenas algumas das situações de tensão, conflitos ou guerras declaradas. Isto, para não falar das graves violações de direitos humanos, das perseguições a minorias, do subdesenvolvimento e da fome com que tantos milhões de pessoas vivem e que as obrigam a procurar refúgio em lugares mais decentes...

Apesar deste aparente olhar pessimista (ou por causa dele...), Francisco quis ajudar a desbloquear o gelo entre Estados Unidos e Cuba, ou sou propor jornadas de jejum em favor da paz na Síria, insiste na necessidade de uma solução pacífica do conflito entre Israel e a Palestina, conseguiu que o Vaticano chegasse a um acordo com o Governo chinês sobre a presença católica no país, condena com frequência e veemência o comércio de armas... Também conseguiu uma trégua na República Centro-Africana (onde um bispo católico já protegeu muçulmanos de ataques de milícias cristãs), colocou milhares de jovens quenianos a dar as mãos contra o tribalismo, foi a Lampedusa lamentar a política europeia relativa aos refugiados – e repetiu o gesto em Lesbos (Grécia), levando consigo vários refugiados para viver em Roma. E ainda incentiva os bispos venezuelanos, nicaraguanos, congolezes e outros a mediar as situações de bloqueio ou conflito nos seus países.

Vários destes casos traduzem, no entanto, na aparência, uma sucessão de fracassos. Situações como a Síria ou o conflito israelo-palestino parecem, pelo menos, confirmar essa ideia, num olhar mais imediato. Por exemplo, em Maio de 2014, quando o Papa esteve em Jerusalém, onde se encontrou com o patriarca ortodoxo Bartolomeu, de Constantinopla, ambos propuseram

juntar, dias depois, no Vaticano, os presidentes israelita, Shimon Peres, e palestino, Mahmoud Abbas. Apesar do forte simbolismo do momento, que incluiu a plantação de uma oliveira nos jardins do Vaticano, o gesto não teve efeito imediato: poucas semanas depois, várias posições palestinas estavam de novo a ser bombardeadas pelas forças armadas de Israel. Dois anos mais tarde, no Natal, evocando também a “martirizada Síria”, o Iraque, a Líbia e o Iémen, o Papa não desistia, na sua mensagem *urbi et orbi*: “Israelitas e palestinos, tenham a coragem e a determinação de escrever uma página nova da História, onde o ódio e a vingança cedam o lugar à vontade de construir, juntos, um futuro de mútua compreensão e harmonia.”

Jejum pela paz, palavras e gestos

Um olhar mais fundo, no entanto, ajudará a perceber que há mais resultados do que parece, naquilo que Francisco tem proposto: não comandando divisões militares, é na capacidade do Papa em protagonizar gestos, propor ações simbólicas e persuadir pela palavra que ele pode agir.

“
O Papa arrisca gestos, propostas ou iniciativas mais ousadas, que pretendem trazer para a agenda política, diplomática e mediática questões concretas do sofrimento dos povos.”

Uma das iniciativas porventura mais estranhas – e aparentemente ineficazes – seria a sua proposta de um jejum pela paz na Síria, em Setembro de 2013 (repetida, embora com menos alcance mediático, em Fevereiro de 2018). Naquela altura, responsáveis dos Estados Unidos (ainda com o Presidente Barack Obama) e de várias potências europeias vinham numa escalada de declarações que pretendiam preparar as opiniões públicas ocidentais para uma intervenção militar no terreno. O jejum proposto por Francisco, aparentemente inconsequente, teve o mérito de contrariar e esvaziar a retórica belicista. Nos dias seguintes, a Rússia apareceu a protagonizar uma ronda de negociações e as potências ocidentais retrocederam. Mesmo se o mérito não foi exclusivamente derivado da iniciativa papal, também lhe ficou a dever muito...

O próprio Papa tem consciência da importância dos gestos simbólicos. Na entrevista com que abre o livro *Francisco em Viagem*, ele afirma ao autor, o jornalista italiano Andrea Tornielli: “Diria

que em algumas situações não consigo falar sem gestos. Não me basta ler um texto, tenho também de fazer qualquer coisa.”

Dois outros gestos, propostos em viagens suas, são recordados pelo próprio nesse contexto. O primeiro foi no Quênia, em Novembro de 2015, quando celebrava a eucaristia perante dezenas de milhares de jovens. “De improviso, disse que o tribalismo se vence com os ouvidos, perguntando ao irmão por que é assim e sabendo escutá-lo. Vence-se com o coração, com o diálogo e com a mão estendida ao diálogo. Depois convidei alguns jovens a aproximar-se e pedi aos presentes – creio que eram setenta mil – que se colocassem de pé e dessem as mãos, num sinal contra o tribalismo.” O segundo foi na mesma viagem a África, mas já na República Centro-Africana: “Foi bonito acolher no papamóvel o imã [muçulmano] de Bangui, quando saudei os habitantes do bairro muçulmano reunidos num pequeno estádio.” O que o Papa não acrescenta, nessa entrevista, é que o bairro por ele visitado estava cercado por milícias cristãs havia meses, no contexto do conflito interno que atinge o país...

Mesmo no aparente sucesso que constituiu o restabelecimento do diálogo político entre Estados Unidos e Cuba, pondo fim ao bloqueio de meio século, o momento seguinte também trouxe o arrefecimento provocado pela eleição de um novo Presidente nos EUA, muito menos favorável ao diálogo diplomático com Cuba.

Em todos estes casos, Francisco não pôs fim às situações em causa: continuam as guerras civis na Síria e na República Centro-Africana, o conflito israelo-palestino não abrandou, o tribalismo continua a ser um problema em África, no Paquistão ou no Afeganistão, entre outras regiões do mundo. O seu poder de intervenção simbólico (e, em alguns casos, diplomático) não pode fazer mais do que sensibilizar, propor, insistir... Apesar disso, em alguns temas, o Papa arrisca gestos, propostas ou iniciativas mais ousadas, que pretendem trazer para a agenda política, diplomática e mediática questões concretas do sofrimento dos povos.

Foi o caso, logo no início do seu pontificado, da primeira viagem fora de Roma à ilha italiana de Lampedusa, em Junho de 2013. Situada no meio do Mediterrâneo, a meio caminho entre a Sicília e a costa africana da Tunísia e da Líbia, Lampedusa era, nessa altura, o principal ponto de chegada de imigrantes e refugiados à Europa – muitos deles, já cadáveres, depois de se afogarem durante a arriscada travessia do Mediterrâneo. Respondendo a um convite do pároco local, o Papa foi à ilha, sem protocolo político ou eclesial, dizer que era preciso gritar contra a “globalização da indiferença”.

MODELO PORTUGUÊS NO ACORDO DO VATICANO COM A CHINA

O acordo assinado em Setembro de 2018, entre o Vaticano e a China, permitindo o envolvimento da Santa Sé na escolha dos bispos católicos do país, segue o modelo do que tinha sido assinado com o Vietname e já antes testado também com Portugal.

A integração dos bispos “patriotas” (nomeados pelo Governo) e “clandestinos” (escolha do Vaticano) numa única hierarquia é o seu mais imediato resultado. A situação, como dizia no *La Repubblica* o historiador italiano Alberto Melloni, criara “três hierarquias”: uma que agrada ao governo, outra em comunhão com Roma e uma terceira, cada vez mais vasta, em que convergiam as duas primeiras. Outra consequência foi também que, no sínodo dos bispos sobre os jovens, realizado em Outubro, em Roma, participaram desde o início dois chineses: Yang Xiaoting foi nomeado pelo Papa Bento XVI e Guo Jincui era bispo da Igreja “patriótica”.

No *Bitter Winter* – um observatório da liberdade religiosa na China –, Massimo Introvigne esclarecia as semelhanças com o acordo assinado em 1996 entre o Vaticano e o Vietname, que permite à Santa Sé a indicação de três candidatos para uma diocese “vaga”; desses, o Governo escolhe um. O acordo com o Vietname tivera como principal negociador o então subsecretário para as Relações com os Estados, Pietro Parolin, agora secretário de Estado do Vaticano. O tratado segue também o que vigorou com Portugal, durante o Estado Novo (1928/33-1974), quando o Governo tinha de concordar com as propostas feitas pelo Vaticano.

O acordo tem opositores, como o cardeal Joseph Zen, arcebispo emérito de Hong Kong. No final de Outubro, no *New York Times*, Zen acusou o Papa Francisco de não entender a China e sugeria que os católicos chineses deveriam voltar às catacumbas. Uma parte da realidade parece dar-lhe razão – o Estado continua a fechar igrejas e a limitar fortemente a liberdade religiosa. Mas o padre Peter Stilwell, reitor da Universidade de São José, de Macau, contrapunha que o acordo é um “grande desafio aos católicos chineses: criar condições para as duas comunidades, a comunidade clandestina e a Igreja patriótica, como é chamada, viverem e trabalharem juntas. Têm sido anos de separação e não será fácil a relação entre as duas partes”.

Referências utilizadas:

<http://www.ihu.unisinos.br/583021-uma-nova-era-entre-vaticano-e-china-artigo-de-alberto-melloni>
<https://www.dn.pt/mundo/interior/peter-stilwell-a-santa-se-nao-esta-na-china-para-guerras-9891564.html>

Quando, três meses depois, o então presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, visitou a ilha na sequência de um naufrágio de mais de 300 pessoas, muitos habitantes de Lampedusa receberam-no com vaiais. Traduziam desse modo a crítica à omissão dos políticos na resolução do problema, mostrando, ao mesmo tempo, como tinham entendido a mensagem do Papa. Em Abril de 2016, numa viagem a outra ilha – Lesbos, na Grécia –, Francisco levou mais longe a sua capacidade de propor gestos concretos: ao regressar a Roma, levou consigo uma dúzia de refugiados que estavam retidos na ilha, à espera da legalização num qualquer país europeu.

Um mapa-mundo de geografia baralhada

As referências e acções do Papa relativas aos refugiados são apenas um dos aspectos de uma outra forma de agir, que passa ainda pela escolha dos países que visita e pelo discurso insistente sobre várias das realidades políticas mais prementes do mundo.

No novo mapa-mundo estabelecido por Francisco, a geografia habitual é baralhada, com os países e realidades mais à margem a serem por ele colocados no centro: Albânia, Sri Lanka, Filipinas, Bolívia, Equador, Paraguai, Cuba, Quênia, Uganda, República Centro-Africana, México, Arménia, Polónia, Geórgia, Azerbaijão, Egipto, Colômbia, Myanmar, Bangladesh, Chile e Peru são alguns dos países visitados. A lista privilegia países pobres, realidades marginais na organização política mundial ou com menor presença mediática – o que se pode confirmar com o facto, por exemplo, de o Papa ainda não ter visitado nenhuma capital da União Europeia mas já ter estado na Albânia e na Bósnia-Herzegovina.

Seja sobre a ecologia ou a pobreza, sobre as desigualdades económicas ou a finança internacional, o acesso a água potável ou os cuidados de saúde, a fome e o acesso à habitação, o trabalho ou o (des)emprego, ou ainda sobre a ascensão da intolerância como base do discurso político ou a recusa da guerra e da construção de muros, o planisfério de Francisco inclui todos os grandes temas e desafios com que a Humanidade se defronta.

Este mapa-mundo inclui, ainda, a aproximação à Igreja Ortodoxa Russa (até aqui muito distante do Vaticano), a presença na Suécia para a celebração dos 500 anos da Reforma protestante, a recordação do genocídio arménio, o silêncio perante o horror de Auschwitz, a presença em lugares de tragédias como Sarajevo, a ida ao Parlamento Europeu e ao Conselho da Europa para alertar contra os “tantos extremismos em campanha no mundo actual” ou para perguntar: “Que te sucedeu, Europa humanista, paladina dos direitos humanos, da democracia e da liberdade?”

No mapa de Francisco não há fronteiras a separar povos e nações. O Papa argentino escolhe a superação de conflitos; o cuidado com a criação e a casa comum da Humanidade; a atenção aos pobres, perseguidos, presos, idosos, doentes, sem-abrigo, vítimas de guerras ou refugiados; o diálogo entre todas as religiões, tendo sempre como ponto de partida outra palavra-chave do seu pontificado: a misericórdia, como expressão da relação da bondade que aproxima as pessoas e constitui fonte de justiça.

Podem juntar-se outros momentos: as visitas às favelas do Rio de Janeiro, a bairros miseráveis na República Centro-Africana e no Quênia, a territórios socialmente marginalizados nos Estados Unidos, aos mais pobres das Filipinas vitimados

por tempestades e furacões; as orações silenciosas diante dos muros da Cisjordânia e do México ou o aviso de que “todos os muros caem”; a exigência de terra, trabalho e tecto para todos, em assembleias de movimentos populares; ou a evocação, diante do Congresso dos Estados Unidos, da memória de Luther King, defensor dos direitos civis dos negros, ou de Dorothy Day, militante católica da não-violência, jornalista e sindicalista, amiga de pobres, vadios e sem-abrigo...

Tudo decorre de um curto texto, que foi fundamental na eleição de Jorge Bergoglio como Papa. Quando, no conclave de 2013, ele afirmou aos colegas cardeais: “A Igreja é chamada a sair de si mesma e ir para as periferias, não só geográficas, mas também existenciais: as periferias do mistério do pecado, da dor, da injustiça, da ignorância e desprezo relativamente à religião, do pensamento e de toda a miséria.”

Este era o programa, estes têm sido os actos. ■

Referências

Andrea Tornielli, *Francisco em Viagem*, ed. Planeta, 2018.
António Marujo e Joaquim Franco, *Papa Francisco – A Revolução Imparável*, ed. Manuscrito, 2017.
António Marujo, texto sobre as viagens do Papa na secção *Viajante Profissional* da revista *Up*, da TAP, Maio 2017.